



A MORTE COMO DIMENSÃO EXISTENCIAL: CONTRIBUIÇÕES DO PENSAMENTO HEIDEGGERIANO PARA A PSICOLOGIA

LA MUERTE COMO UNA DIMENSIÓN EXISTENCIAL: CONTRIBUCIONES DEL PENSAMIENTO HEIDEGGERIANO A LA PSICOLOGÍA

DEATH AS DIMENSIONAL EXISTENCE: HEIDEGGERIAN THINKING CONTRIBUTIONS TO PSYCHOLOGY

Ellika Trindade¹
Ana Flávia Pupin²
Isabela Estefânia Ferreira Abanca³
Jennyfer Melissa Pereira⁴
Rodolfo Victor Cancio Evangelista⁵

RESUMO: Para Heidegger a existência (*Dasein*) é própria do mundo humano, sendo o homem lançado ao mundo e ser-para-a-morte. A morte emerge como questão central da existência, uma vez que determina o fim das possibilidades do *Dasein*, sendo inerente ao existir humano, portanto, ontológica. Ao mesmo tempo no contexto atual, mesmo em espaços onde explicitamente se depara com ela, é comum sua negação. Com base nesse contexto, objetivou-se compreender como o pensamento de Heidegger em relação à morte pode contribuir para a atuação do psicólogo. São apresentados os principais conceitos do filósofo e algumas considerações históricas relacionadas à morte no ocidente até a contemporaneidade. Foram analisados textos que buscaram compreender a morte e o luto na perspectiva fenomenológica pautada no pensamento de Heidegger e suas contribuições para a atuação dos psicólogos. Percebeu-se que entender a morte como inerente à existência possibilita uma reflexão em relação ao sentido do existir humano, portanto, as principais contribuições evidenciam que a morte deve ser abordada pela Psicologia em diferentes contextos.

PALAVRAS-CHAVE: Análise Existencial; Heidegger; Tanatologia; Psicologia Existencial.

RESUMEN: Para Heidegger la existencia (*Dasein*) es propia del mundo humano, siendo el hombre arrojado a él y ser-para-la-muerte. La muerte emerge como el tema central de la existencia, ya que determina el fin de las posibilidades del *Dasein*, siendo inherente a la existencia humana, por lo tanto, ontológica. Al mismo tiempo su negación es común en el actual contexto, incluso en espacios donde se la encuentra explícitamente. Basado en este contexto, el objetivo era comprender cómo el pensamiento de Heidegger sobre la muerte puede contribuir al desempeño del psicólogo. Se presentan los conceptos principales del filósofo y algunas consideraciones históricas relacionadas con la muerte en el Occidente hasta la actualidad. El artículo analizó textos que buscaban comprender muerte y luto en una perspectiva fenomenológica basada en el pensamiento de Heidegger, así como sus contribuciones al trabajo de los psicólogos. Se ha vislumbrado que entender la muerte como inherente a la existencia permite una reflexión sobre el significado de la existencia humana, luego, las principales contribuciones muestran que la Psicología debe abordar la muerte en diferentes contextos.

PALABRAS CLAVE: Análisis Existencial; Heidegger; Tanatología; Psicología Existencial.

ABSTRACT: Heidegger recognizes the existence (*Dasein*) as proper of the human world and then, the man will be thrown into it, as being-to-death. Death emerges as a central issue of existence once it determines the final possibilities of *Dasein*, being relative to human existence, therefore, ontological. At the same time denying death is usual in the present context, even in spaces where we explicitly encounter it. Based on this context, the objective was to understand how Heidegger's thought regarding death can contribute to the psychologist's performance. The main concepts of the philosopher and some historical considerations related to the western meaning of death until nowadays are presented. The article has also analyzed texts that sought to understand death and mourning in a phenomenological perspective based on Heidegger's thought and its contribution to psycholo-

¹ elkatrindade@yahoo.com.br

² afpupin@gmail.com

³ isabelaebanca@hotmail.com

⁴ isabelaebanca@hotmail.com

⁵ rodolfovc13@gmail.com

gist's work. It has been realized that understanding death as inherent in existence, allows a reflection on the meaning of human existence; so, the main contributions shows that death must be approached by Psychology in different contexts.

KEYWORDS: Existential Analysis; Heidegger; Thanatology; Existential Psychology.

1 INTRODUÇÃO

Na análise existencial heideggeriana, o *Dasein* revela a própria experiência humana, aquilo que nós somos. O *Dasein* é lançado em um movimento em que a compreensão de sua condição existencial encontra, no seu próprio ser, sua clareira. Abre-se, assim, um caminho para uma investigação da condição existente humana como algo não estático. Nesse sentido, um pensamento que buscava questionar o ser na própria experiência, indo além da dicotomia sujeito/objeto, não poderia encontrar no método tradicional cartesiano sua base.

Martin Heidegger, filósofo alemão (1889 – 1976) considera que o modo da existência humana revela o compreender como fundamento existencial. Nesse sentido, o *Dasein* se distingue dos demais entes, pois os demais, aqueles que não apresentam o *Dasein* enquanto modo de ser, não encontram a possibilidade de questionar seu próprio modo de ser. Diante disto, se apresenta enquanto uma estrutura fundamental do *Dasein*, ou seja, um existencial, a finitude da existência.

Ainda que a morte defronte a existência humana em sua mais clara nitidez, a mesma não é necessariamente compreendida como algo próprio. Sendo que a morte, determina o fim do movimento que somos, fundando assim, logo em que se apresenta a morte, sua trajetória existencial enquanto algo que já foi, a qual nada se pode alterar.

Na análise existencial de Heidegger, que visa investigar os fundamentos da estrutura do ser, a morte emerge como uma questão central, uma vez que determina o fim das possibilidades do *Dasein*. Além da questão ontológica⁶, neste artigo, a morte também é considerada sob o viés de uma perspectiva histórica e psicológica, em razão de que as atitudes da sociedade diante da morte passaram por transformações, as quais não podem ser desconsideradas nas reflexões relativas à morte e ao morrer, pois a dimensão do mundo onde se dá a existência é social, e, portanto, histórica.

Destaca-se que a obra de referência utilizada foi *Ser e Tempo* de Martin Heidegger [1927]/(2012)⁷, bem como obras de estudiosos desse autor traduzidas ou escritas em portu-

⁶ O termo ontológico para Heidegger remete à questão do que funda a possibilidade de toda e qualquer existência, a questão do Ser. (SPANOUDIS, 1981).

⁷ A data entre colchetes indica o ano de publicação original da obra, que é 1927, nas demais citações será indicada apenas a data da edição consultada pelos autores, isto é, 2012.

guês e artigos científicos que se relacionam com a temática. Assim, esse artigo objetiva compreender de quais maneiras o pensamento de Heidegger em relação à morte pode contribuir para a atuação do psicólogo.

Para tanto, o texto está organizado em cinco partes, sendo que na primeira são apresentados e definidos alguns dos principais conceitos propostos e desenvolvidos por Heidegger em relação ao existir humano e à finitude. Na segunda são apresentados alguns dos fatores históricos que influem no modo como se lida com a morte; na terceira são elencadas considerações sobre a temática da morte na psicologia; na quarta são tecidos comentários e discussões relativas a algumas possíveis contribuições que os conceitos apresentados por Heidegger podem trazer para o campo de estudos e ação profissional de psicólogos e na última parte são expostas algumas considerações que, sem a pretensão de encerrar as reflexões, podem subsidiar novos estudos.

2 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O PENSAMENTO DE HEIDEGGER, O EXISTIR HUMANO E A MORTE

O ser humano, diferente de todos os outros entes que existem, tem a possibilidade de pensar sobre si mesmo. Essa possibilidade de refletir sobre seu próprio modo de ser como também, de questionar as situações que constituem sua historicidade, manifestam um questionamento fundamental que o coloca em dúvida. Tal possibilidade lhe permite se diferenciar dos demais entes, sendo que essa diferenciação é estabelecida no ser do próprio ente.

Para pensar a questão do ser na analítica existencial de Heidegger é preciso elucidar alguns pontos. Antes mesmo de uma reflexão acerca deste tema, é necessário apontar que os conceitos heideggerianos não podem ser exemplificados via experimentos e resultados, relacionando-os com uma metodologia positivista, pois a base de sua teoria apresenta um problema filosófico como questão central, ao qual ele aborda através de um caminho fenomenológico. Para Heidegger (2012), por muito tempo a problemática do ser havia sido esquecida e negligenciada, de tal modo que a discussão em torno do sentido do ser deveria ser retomada.

A questão fundante que se apresenta através da teoria heideggeriana, a questão do ser, coloca aquilo que nós mesmos somos, *Dasein*, em cheque. Nesse sentido, compreende em seu próprio ser, seu ser e também as outras coisas. A possibilidade de indagação, do questionamento do ser, revela em si uma compreensão, pois a própria questão aponta para o ser, para aquilo compreendido enquanto o que nós mesmos somos. Deste modo, o ser daquilo que nós

mesmos somos se distingue dos outros, pois oferece uma compreensão que manifesta um questionamento ontológico.

Na teoria heideggeriana o que distingue então nós mesmos dos outros entes, é a possibilidade de compreensão de ser se apresenta apenas para o ente que nós somos. Apresenta-se, então, como *Dasein*, o ente que somos e que tem como possibilidade a compreensão, sendo que, tal possibilidade de compreensão revela ele mesmo, *Dasein*, como interrogado e interrogador em sua questão fundante. Nesse sentido, de acordo com Heidegger (2012), o ser não possui o caráter de uma entidade, afirmando assim, uma diferença ontológica.

A compreensão do ser em relação a ele mesmo e aos outros entes, constitui um fundamento existencial próprio ao *Dasein*. Destarte, a compreensão que se desvela no “sendo” do *Dasein*, manifesta o compreender de seu próprio ser. Tal compreensão não se determina por elaborações metafísicas e/ou racionais, mas se desvela na experiência. Pois seu próprio movimento existencial é compreensão. Segundo Gerner (2017), “nós temos uma compreensão de ser, sem levar em conta se nós expressamos verbalmente ou não nosso comportamento. Sem tal compreensão de ser, nós não teríamos como nos comportar em relação aos entes *enquanto entes*” (GORNER, 2017, p. 29).

O *Dasein* se movimenta “sendo” através do tempo entre possibilidades de “poder ser” até alcançar sua possibilidade mais própria, a sua finitude. Nesse sentido, as reflexões em torno da morte, muitas vezes são encaradas como negativas ou de caráter pessimista, como se esta discussão fosse referente a algo ruim ou prejudicial à própria existência. De acordo com Reynolds (2014) a investigação de Heidegger em relação à morte, não está baseada no fato empírico ou experiencial, mas se remete a uma percepção de um fundamento ontológico do homem, de um *existencial*, que consiste em sua própria finitude.

O fundamento existencial que possibilita um movimentar-se do homem é evidenciado na estrutura da existência através da facticidade do ser-no-mundo enquanto começo e do fenômeno da morte enquanto finitude (HEIDEGGER, 2012). O *Dasein*, a partir de seu lançamento no mundo, atravessa toda uma trajetória existencial, porém o que permite ontologicamente que essa movimentação seja uma trajetória é o fato de que ela, seja finita. A morte se apresenta nessa finitude. Nesse sentido, é nesse espaço de tempo no qual ainda não alcançou sua finitude, que o homem tem seu movimento existencial, sendo que este se desvela “sendo” enquanto possibilidades de modos de ser.

Segundo Machado (2012), morrer é perder o modo de ser do *Dasein*, a fim de se tornar um estado de cadáver ou coisa. Sendo que, para Heidegger esse estado de cadáver não consiste apenas em uma coisificação. O defunto, na visão heideggeriana é algo que se materializa

nos ritos funerários, enquanto a morte é o que possibilita aos sobreviventes, encarar a sua finitude própria e a dos outros, enquanto se desvela o sentimento de perda. No entanto, é importante ressaltar que o sentimento de perda reverbera na própria existência.

Apesar da impossibilidade da experiência direta com a morte, há a possibilidade de compreender sobre esse fenômeno. Em *Ser e Tempo*, Heidegger (2012), no primeiro capítulo da segunda seção, escreve que a apreensão completa da morte, como uma experiência do momento de transição na totalidade, é, ao mesmo tempo, a perda do ser do *Dasein*. Com isso, “a passagem ao já-não-ser-‘aí’ priva precisamente o *Dasein* da possibilidade de experimentar essa passagem e de entendê-la como experimentada” (HEIDEGGER, 2012, p. 657).

A morte dos outros pode possibilitar uma experiência em relação ao findar do *Dasein*. Segundo Heidegger (2012, p. 657) “tanto mais impositiva é, no entanto a morte dos outros. Um findar do *Dasein* torna-se, por conseguinte, ‘objetivamente’ acessível. O *Dasein*, tanto mais que ele é por essência um ser-com outros, pode obter uma experiência da morte”. Sendo assim, torna-se possível valer-se da morte dos outros, pois “no morrer dos outros se pode experimentar o notável fenômeno-de-ser que deve se determinar como a mutação de um ente a partir do modo-de-ser do *Dasein* (ou da vida) em um já-não-ser-‘aí’” (HEIDEGGER, 2012, p. 659).

A morte se desvenda sem dúvida como perda, porém mais como uma perda que os sobreviventes experimentam, e no padecer pela perda, não se tem acesso, porém à perda-do-ser que como tal o que morre “padece”. Não experimentamos em sentido genuíno o morrer dos outros, mas no máximo só estamos sempre “presente a” ele. E, mesmo que fosse possível e viável elucidar “psicologicamente” o morrer dos outros por presenciá-lo, de modo algum se apreenderia o modo-de-ser tal como foi visado, isto é, como o chegar-ao-final (HEIDEGGER, 2012, p. 661).

Uma vez que o ser-para-a-morte se apresenta enquanto existencial para o *Dasein*, mostra-se como um privilégio que o homem tem a possibilidade de apropriação de seu findar, pois “o caráter do ser-para-a-morte, segundo Heidegger não quer dizer em absoluto que a existência humana deva ser tomada em aspecto de negatividade, ao contrário disso, assumir originariamente esse findar coloca o homem na esfera do Ser” (COSTA, 2010, p. 156).

Como mencionado por Costa (2010), o *Dasein* tem a oportunidade de compreensão de sua própria finitude. Nesse sentido, emerge o antecipar-se e decidir-se, já que enquanto a morte própria não se emerge enquanto experiência, possibilidades de modos de ser estão em abertura ao *Dasein*. Destarte, se apresenta a este a possibilidade de compreender o findar, percebendo seu próprio projetar-se enquanto finito. Com isso, a compreensão do *Dasein* pode des-

velar sua condição existencial de ser-para-a-morte, o que pode reverberar no *Dasein* em relação a sua autenticidade.

O homem se depara com a morte cotidianamente, porém, para Heidegger (2012), pode se afastar de seu ser mais próprio ao internalizar concepções advindas do a-gente (*Das Man*), termo que o autor utiliza para se referir a um modo de ser específico do *Dasein*. Tal modo se revela como um padrão, que possui sua sustentação nos outros enquanto referência fundamental da existência, estabelecendo, assim, uma padronização de modos de ser, o que confere a quem internaliza tais aspectos, um modo de ser que não é o seu mais próprio. Nessa perspectiva, não encontra seu distanciamento dos outros, se confundindo na multidão. Tal modo de ser compreende a morte de maneira inautêntica, uma vez que a visualiza em um tempo indeterminado do futuro que não se faz presente.

Consoante Azevedo e Pereira (2013), a morte de outra pessoa pode possibilitar sentimentos de tristeza e falta em relação ao outro, porém não necessariamente aproxima o que não morreu de uma compreensão autêntica da própria finitude. Sendo assim, segundo Reynolds (2014), Heidegger sugere que há dois tipos principais de compreensão inautêntica em relação à morte, o medo e a indiferença, possuindo tal denominação por não possibilitarem uma compreensão que desvele a morte como a possibilidade mais própria do *Dasein*.

Em relação ao medo, ele se evidencia no momento de confronto com a morte, na forma de uma doença, uma situação de perigo ou de velhice, nos quais as evasões e ofuscações, relativas à morte e à sua possibilidade, já não são mais possíveis. Segundo Gerner (2017) Heidegger sugere que o medo é a forma inautêntica mais comum de apreensão em relação à morte por parte do *Das Man*, que consiste em focar no fato da própria finitude e, com isso, sentir-se receoso ou temeroso. Ao tratar a morte apenas como uma realidade empírica, um fato que acontecerá no futuro, o homem traz a ideia de que a morte vai chegar, porém, não compreendida como parte de sua vida, fugindo da finitude que fundamenta o ser.

O reconhecimento biológico da morte enquanto um fato objetivo, vago e geral, de que todos vão perecer, constitui a indiferença. Mesmo que haja poucas contestações em relação a este entendimento, que pode parecer uma maneira realista de encarar a morte, entende-se a morte como algo indiferente, que chega a todos os sujeitos, sendo o agente igualitário último. Tal modo de apreensão se apresenta em sua inautenticidade, pois não entende a morte como algo próprio, visualizando-a no outro, no meio de uma multidão em um nível abstrato e geral, como algo que acontecerá em um futuro indefinido.

Ainda no que se refere aos aspectos tangentes ao ser-para-a-morte, ressalta-se que o *Dasein* se desvela enquanto ser-para-a-morte, já que é somente na morte que as possibilidades

de modos de ser são finalizadas. Dessa maneira, enquanto há caminho, há também abertura, a qual permite que no devir das possibilidades, o ser seja constante realização daquilo que pode vir a ser. Afirma-se, assim, que enquanto incompletude, o ser apenas se completa com a morte, porque antes dela há contínua realização das possibilidades de ser e, unicamente diante dela, as possibilidades se finalizam (BRAGA; FARINHA, 2017).

3 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A TEMÁTICA DA MORTE NA HISTÓRIA

Tendo em vista as transformações sociais em relação à morte, torna-se necessário recorrer aos aspectos históricos para que se alcance a compreensão dos processos que levaram ao temor e à aflição, bem como à indiferença diante da morte, fazendo com que esta seja vislumbrada como uma possibilidade repleta de angústias e evitada a todo o custo.

Em cada cultura e época histórica distinta da qual o homem fez e faz parte, há múltiplas maneiras de compreender a questão da morte, apresentando diversos significados históricos e sociais. Cada meio cultural existente se posiciona de maneira singular frente à morte, visto que ela é encarada mediante as suas práticas, costumes e concepções referentes a um determinado grupo social.

Conforme Giacoia Júnior (2005) pode-se dizer que as significações culturais que as diferentes sociedades possuem para compreender o fato da morte, revelam o sistema dos valores simbólicos resultantes das elaborações de cada uma delas, indicando as maneiras específicas do funcionamento e reprodução da ordem social. A morte pode resultar na manutenção de uma identidade coletiva, em virtude de que a maneira pela qual determinada sociedade se posiciona perante a morte, representa a formação de uma tradição cultural comum do lugar.

O historiador francês Philippe Ariès, em seu livro *História da morte no ocidente* (1975), faz um percurso histórico das concepções da morte nas sociedades ocidentais, mencionando que até o século XVIII a morte não representava temor, pois na Idade Média constituía algo a que os sujeitos estavam acostumados, pois as doenças consideradas pouco graves nos dias de hoje, àquela época, eram fatais. Assim, a morte era um tema familiar, sendo a cerimônia planejada, previamente, pelo próprio indivíduo, a fim de efetuar os preparativos para um evento público.

Ariès (1975) explana as atitudes que a sociedade da Idade Média apresentava frente à morte. O autor expõe que a morte naquele tempo histórico era esperada, ou seja, as pessoas estavam prevenidas em relação a ela, sendo que, inclusive, eram realizados passos que se se-

guiam para esperar pela morte, que era aceita de forma branda. Havia, então, um reconhecimento espontâneo da própria morte, uma vez que a advertência de que a pessoa iria morrer acontecia pelos sinais naturais ou, mais frequentemente ainda, por uma convicção íntima, e não tanto por uma premonição sobrenatural ou mágica.

Assim, o autor menciona que os indivíduos possuíam medo, não de morrer, mas de não se prevenir a tempo de a morte chegar, bem como recebiam morrer sozinhas. Não tinham pressa de morrer, mas quando este fato estava próximo de acontecer, precisamente como convinha, as pessoas morriam vinculadas ao cristianismo, com seus ideais e dogmas. E as demais pessoas que não eram cristãs, morriam com a mesma simplicidade. Quando o indivíduo sabia que a morte estava chegando, tomava as devidas precauções. Realizavam-se os cerimoniais tradicionais precedentes à morte, incluindo, a lamentação sobre a vida e o perdão dos companheiros, e após isso, aguardava-se pela morte.

Segundo Ariès (1975) foi logo após o período em que predominava a concepção da morte domada, ou seja, um sentimento intenso de familiaridade com a morte, que começaram a ser elaborados os tabus que exprimiam o abandono da ideia de aceitação de um destino e a indiferença às particularidades da individualidade.

Sendo assim, a morte passou a ser compreendida como algo distante e temido, adquirindo uma forma mais dramática. A partir de tal contexto é que Ariès (1975) menciona a morte como inominável, ou seja, a morte vista como silenciosa e oculta. De acordo com Torres (1979):

[...] segundo Ariès, é na história da família que se deve buscar inicialmente a explicação para a renúncia do homem à sua própria morte. Este, que até o século XVII participava da própria morte, porque via nela o momento em que sua individualidade recebia forma definitiva, a partir de então a divide com a família; no século XX, a conspiração da família acentua-se, privando-se o doente terminal de sua própria liberdade. (TORRES, 1979, p. 55)

Acrescenta-se a isso o conceito de morte invertida, em que não se morre mais junto a família nos lares, ao contrário disso, o doente é retirado de sua casa e levado para o hospital, onde prevalece o domínio médico. Ressalta-se que quando a trajetória prevista pela equipe médica não é realizada da forma esperada, concebe-se a morte embaraçosa. Em síntese, a morte tornou-se mecanizada e solitária, demonstrando uma realidade diferente de quando a morte estava imersa num contexto familiar e comum.

Torres (1979) indaga se grande parte da patologia social de hoje não teria sua origem na expulsão da morte da vida cotidiana. Nota-se que é de suma relevância questionar a inver-

são diante da perspectiva do processo de morrer, já que, anteriormente, a morte era considerada familiar e, na contemporaneidade, é encarada como algo inaceitável. Logo, cabe analisar que o receio perante o fato da morte, toma proporções maiores ao longo do tempo, resultando em um desencontro do homem moderno quanto ao reconhecimento da morte como algo natural, causando-lhe temor e indiferença.

Diante do exposto, a partir da concepção de que a morte, atualmente, é vista como uma situação aversiva, destaca-se a necessidade de discutir a respeito de possíveis relações desse tema com o campo de conhecimento e de atuação da Psicologia. Ressalta-se a pertinência dessa discussão dado que a morte é um aspecto inerente à existência.

4 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A TEMÁTICA DA MORTE NA PSICOLOGIA

Pode-se considerar que a relação da Psicologia com a temática da morte é fundamentada por uma investigação que tem como principal objetivo compreender esse fato da existência humana. É possível constatar que a morte se apresenta como algo que ultrapassa os limites do entendimento humano, sobretudo quando esta é pensada em uma perspectiva contemporânea, pois não se encaixa adequadamente nos rigores dos mecanismos científicos, devido à inviabilidade de obtenção de uma explicação absoluta para este fenômeno. Sendo assim, o mesmo se apresenta como um grande desafio para a área de estudo e atuação da Psicologia.

Nessa perspectiva, as pesquisas e trabalhos na área da Psicologia vinculados à temática da morte possuem uma relação direta com a área de estudo científico denominada tanatologia, cujo objetivo primordial é analisar a morte e o morrer. Segundo Kovács (2008), a tanatologia se apresenta tanto como uma área de conhecimento quanto de aplicação, a qual pode abarcar diversos enfoques, como, por exemplo, os cuidados a pessoas que vivem processos de adoecimento ou morte pela perda de pessoas significativas em decorrência de comportamentos autodestrutivos, suicídio, ou ainda, por causas externas, tal qual a violência, amplamente presente nos centros urbanos dos cenários atuais.

De acordo com Combinato e Queiroz (2006), uma das principais referências de estudo sobre a morte para a área da Psicologia encontra-se nos trabalhos da psiquiatra suíça Elizabeth Kübler-Ross na década de 1960, que a partir de suas experiências profissionais revolucionaram o tratamento de pacientes terminais e tornou públicas as discussões sobre esse tema. Destaca-se em sua obra, a busca por explicitar os diferentes estágios que podem ser vividos no processo de terminalidade humana. Deste modo, no livro *Sobre a morte e o morrer*, publicado

em 1969, Kübler-Ross (1975) analisa os estágios pelos quais, comumente, passam as pessoas no processo de terminalidade, a saber: negação e isolamento, raiva, barganha, depressão e aceitação.

No Brasil, consoante Kovács (2008a), os estudos da Psicologia relacionados à morte tiveram início no ano de 1980, quando se destacaram os trabalhos de Wilma Torres, que é considerada a primeira psicóloga a se dedicar à sistematização da área da tanatologia no contexto brasileiro. Além disso, também na década de 1980, aconteceram eventos que muito contribuíram para a solidificação dessa área de estudo no Brasil, como o *I Seminário sobre a Psicologia e a Morte*, na Fundação Getúlio Vargas, no Rio de Janeiro, no ano de 1980 e o *I Congresso Internacional de Tanatologia e Prevenção do Suicídio*, realizado em Minas Gerais, no ano de 1984.

Seguindo esse pensamento, a fim de elucidar as origens das pesquisas acerca da morte na Psicologia, Kovács citada por Combinato e Queiroz (2006) sucintamente apresenta as pioneiras no panorama brasileiro:

No Brasil, merecem destaque os trabalhos de Wilma Torres que, em 1980, criou o programa pioneiro de *Estudos e Pesquisas em Tanatologia*, na Fundação Getúlio Vargas; os estudos de Maria Helena Pereira Franco, especialista na área e coordenadora do *Laboratório dos Estudos sobre o Luto*, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; além da professora Maria Júlia Kovács, do *Laboratório de Estudos sobre a Morte*, da Universidade de São Paulo. (KOVÁCS apud COMBINATO; QUEIROZ, 2006, p. 210)

Não perdendo de vista os primórdios dessas pesquisas, posteriormente, muitos estudos foram produzidos estabelecendo diferentes articulações entre a morte e a Psicologia, podendo colaborar favoravelmente para a atuação do psicólogo. Essa colaboração pode ser encontrada em Kovács (2008b), cujo trabalho evidencia que com o desenvolvimento de tecnologias médicas e tratamentos sofisticados, foi possível o alcance de um importante prolongamento da vida, aliado ao apego de se combater a morte. Contudo, ainda são prevalentes distúrbios na comunicação, nomeados pela autora como conspiração do silêncio, pela qual ocorre a falta de comunicação quando se trata da temática da morte.

Destarte, advém um estranhamento quando tal temática não é abordada principalmente na área da saúde, acarretando aos profissionais uma visão de que seus empenhos são frustrados. Além disso, há a falta de conhecimento quando se deparam com uma situação na qual precisam falar com seus pacientes e familiares sobre uma morte iminente. De tal modo, é preciso que os profissionais de saúde saibam que ao escolherem essa área para atuação traba-

lharão com a vida, e assim, conseqüentemente com a morte, já que esta faz parte da existência humana (KOVÁCS, 2008b).

Para a autora, na formação de psicólogos, é preciso lembrar que um dos instrumentos de trabalho é o próprio profissional. Assim, é importante entender o que se faz no dia a dia, apropriando-se dessa experiência como espaço-momento de reflexão deliberado e consciente. Dessa forma, se faz necessário compreender a educação para a morte, visto que essa é um determinante que faz parte da vida de todos os seres humanos. Logo, a Psicologia como trabalho direto com as pessoas, deve levar a dimensão da morte ao cotidiano do profissional.

Ademais, a negação da morte seria uma forma de não se adentrar em contato com experiências dolorosas. Por conseguinte, conceber a negação e a repressão da morte seria permitir a fantasia de uma ilusão de imortalidade. E mais que isso, o combate à morte pelos profissionais de saúde, somado à proibição de expressão do sofrimento frente às perdas pode levar à dor e ao adoecimento. Conforme Kovács (2008b) este seria o luto não autorizado dos profissionais de saúde. Esses lutos mal elaborados estariam se tornando um problema de saúde pública em consequência do grande número de pessoas acometidas por tal mal. Sendo assim, a educação para a morte se faz necessária, pois sua função também consiste em preparar os profissionais de saúde para lidar com a morte.

Além disso, diante dos debates acerca da morte, convém ressaltar a respeito das questões bioéticas em torno deste assunto, em virtude de que a morte em certos casos, como em doenças terminais, estados vegetativos, casos que envolvem eutanásia e distanásia, isto é, questões que envolvem o que é liberdade para morrer e o que é o dever de salvar vidas, implicam em debates que ainda precisam ser realizados com mais frequência (TORRES, 2003).

Sabe-se que com o avanço da modernidade surge a concepção de que seria só por meio da ciência que seria possível escapar da morte, pois há a visão de que a medicina tem a capacidade não só de curar, mas de prolongar a vida, o que, conseqüentemente, adia a morte. Neste sentido, de acordo com a autora os debates em relação às definições da morte ainda são desafiadores, tendo em vista de que é preciso considerar a distinção do momento em que a vida humana biológica deixa de existir e o momento em que a pessoa deixa de existir.

Assim, a Bioética, segundo Torres (2003), propõe como princípios fundamentais: autonomia, justiça, beneficência, fazer o bem e não causar danos. Tais princípios devem ser a base da ética dos profissionais de saúde, considerando, também, que o sujeito tem autonomia e possui liberdade de ação. Além do mais, são imprescindíveis o respeito à pessoa e sua dignidade, tornando-se fundamental a oferta de informações sobre sua condição de saúde. Por-

tanto, os debates atuais levam a uma reconsideração sobre o significado e o limite do conceito de autonomia, envolvendo um conflito entre a medicina altamente tecnológica e os valores das pessoas envolvidas.

De acordo com Verdade (2008), na clínica psicológica é preciso fazer a escuta da angústia e da dor, na tentativa de compreender a experiência de quem reflete sobre a própria mortalidade. Dessa maneira, segundo Kübler-Ross (1975), pode-se considerar que a chave para a questão da morte pode levar à abertura das portas da própria vida, assim, toda revolta diante da finitude é importante e reveladora, pois é por meio dela que é possível atingir a compreensão para os questionamentos da vida. Neste seguimento, os estudos de Kovács (2005) acerca da educação para a morte são essenciais tanto para quem vivencia a morte, ou o processo de luto, quanto para os profissionais que precisam saber lidar com a morte.

Logo, ao escrever sobre a educação para a morte, a autora também apresenta uma proposta, que abrange, além dos profissionais de saúde, o público leigo e os profissionais de educação, ressaltando que devido à morte fazer parte do desenvolvimento humano e acompanhar o ser humano no seu ciclo vital, todas as pessoas deveriam ser preparadas para esse fato tão presente na existência.

Dessa forma, Kovács (2005) esclarece que a morte pode oferecer questionamentos e reflexões sobre a busca de sentido à vida, possibilitados pela característica humana de questionar, autoconhecer-se e buscar sentidos. Assim, propõe uma educação para a morte, considerando, para tanto, a educação como desenvolvimento pessoal, aperfeiçoamento e cultivo do ser. Tal educação é justificada na percepção de que, atualmente, “ao mesmo tempo em que é interdita, a morte torna-se companheira cotidiana, invasiva e sem limites, e, embora essas mortes estejam tão próximas (real ou simbolicamente), reina uma conspiração do silêncio” (KOVÁCS, 2005, p. 486).

Sendo assim, a autora apresenta propostas para a ampliação dos espaços de reflexão sobre o tema da morte, tais como sua discussão nas escolas, contando com um preparo prévio dos professores e oferta de assessoria aos mesmos, no preparo de atividades, na recomendação de bibliografia e no lidar com alunos que possam estar passando por situações de perda e luto. Além disso, a autora sugere a realização de fóruns de discussão para o público leigo em locais onde possa haver interessados, como por exemplo, postos de saúde, escolas e igrejas.

Ademais, mostra-se importante a viabilização de discussões sobre perdas e mortes em hospitais, já que nestes locais a morte pode ser vista como um erro e fracasso, fazendo-se necessário discutir questões, como a comunicação ao paciente e aos familiares sobre o agravamento da doença, a aproximação da morte e o desejo de morrer (KOVÁCS, 2005).

Por fim, Kovács (2005) ressalta a importância de que a educação para a morte seja incluída na formação de profissionais de saúde e educação a fim de possibilitar o acesso a conhecimento, discussão e reflexão sobre o tema da morte, favorecendo a sensibilização destes profissionais e capacitando-os para o trabalho com pessoas que estejam vivendo situações de perda, limite ou morte.

5 CONTRIBUIÇÕES DO PENSAMENTO DE HEIDEGGER SOBRE A MORTE PARA A PSICOLOGIA

Mediante o conteúdo exposto, é possível constatar que a temática da morte mostra-se como um assunto relevante para a atuação do psicólogo, por conseguinte, busca-se estabelecer articulações entre essa temática e a Psicologia, pautando-se em pesquisas de base fenomenológica e/ou no pensamento de Heidegger. Essas articulações se fazem necessárias, uma vez que são poucos os estudos que as apresentam.

Corroborando tal argumento, Gomes e Souza (2017) realizaram uma revisão integrativa na literatura nacional a partir de critérios de localização e seleção, pelos quais foram recuperados artigos veiculados em bases de dados *on-line*. Tendo como objetivo compreender como o tema da morte é abordado em estudos sob a perspectiva fenomenológica, a pesquisa revelou que a maioria dos estudos era de natureza empírica/qualitativa e envolviam temas como vivência de familiares com câncer e atitude de profissionais de saúde frente à morte. Além disso, o referencial teórico mais adotado era a fenomenologia existencial de Heidegger. Por fim, destacou-se, especialmente, a escassez de pesquisas abordando a temática da morte sob um enfoque fenomenológico.

Seguindo esse pensar, expõe-se que um dos possíveis âmbitos em que as reflexões acerca da morte podem prestar contribuições, se refere à atuação dos profissionais de saúde. De tal modo, adotando como base um trabalho realizado por Souza e Boemer (2005), evidencia-se a responsabilidade dos profissionais ao prestar assistência a pacientes gravemente enfermos, naquelas situações em que o cuidar é sempre possível, ainda que a cura não mais constitua uma possibilidade, isto é, em um cenário de cuidados paliativos.

Neste contexto, adotando-se a perspectiva da fenomenologia de Heidegger, considera-se imprescindível a compreensão da possibilidade existencial do “não-ser”, já que a morte é parte inerente da existência humana, exigindo, dessa forma, que o profissional de saúde tenha um preparo adequado, que lhe possibilite experienciar um modo de cuidado autêntico com este ser-que-adoece, comprometendo-se com uma assistência cujo objetivo não se restrinja à

cura, “mas que favoreça o cuidado do paciente como um ser pleno de humanidade, com necessidades afetivas, sociais e com o direito de viver seu morrer com dignidade e respeito” (SOUZA; BOEMER, 2005, p. 53).

Além de abarcar os aspectos relativos à formação dos profissionais de saúde, a fenomenologia existencial heideggeriana também pode contribuir para a reflexão acerca das vivências dos familiares enlutados. Assim, um estudo desenvolvido por Santos e Sales (2011), apresenta resultados que auxiliam na compreensão dos sentimentos de pessoas que experienciaram o luto pela morte de um ente por câncer.

Deste modo, as autoras exploraram a temática da angústia perante a possibilidade de morte iminente, verificando que ao vivenciar a possibilidade da morte de um familiar a pessoa se angustia tanto pela morte em si, quanto pela dor e sofrimento que ela mesma traz consigo, destacando que “a morte não é uma possibilidade entre outras, mas representa a probabilidade extrema do Ser-aí. Ela é a possibilidade da impossibilidade da existência” (SANTOS; SALES, 2011, p. 217).

Ademais, identificou-se que a experiência da morte de um familiar tem o poder de propiciar a consciência da própria finitude, isto é, a pessoa pode deparar-se com a insuperável possibilidade da sua própria morte, a qual não pode ser negada, e, conseqüentemente, pode ser impelida a repensar seus valores e crenças e a transformar sua maneira de compreender a vida, através de um processo de ressignificação das próprias experiências. Podendo inclusive, resultar numa noção de que o tempo na terra é limitado, e que por isso, deve-se, portanto, construir algo proveitoso. Mais que isso, evidenciou-se que do mesmo modo que o *Dasein* tem o poder de compreender sua finitude, pode também procurar entender a vivência da morte de outros entes ao seu redor. Contudo, quando o luto se faz presente, pode acarretar em um fechamento do ser humano em si mesmo, não conseguindo entender sua própria condição existencial e, conseqüentemente, negando a verdade que se revela.

Nessa perspectiva, Santos e Sales (2011, p. 220), esclarecem que “a angústia e o medo diante da iminência da morte de um familiar, é um sentimento tão aterrorizante que faz com que as pessoas neguem a verdade que se descortina em suas vidas”. Não obstante, ao acompanhar um ente em sua terminalidade, a pessoa pode ser levada a refletir sobre a própria finitude e tem a possibilidade de descobrir-se como um ser-para-a-morte. Dessa forma, pode o ser despertar para repensar sua existência, rever seus valores, prioridades e buscar o equilíbrio consigo mesmo e com o próximo, decidindo com propriedade pela retomada de si mesmo.

Além disso, outro enfoque é apresentado por Freitas (2013), na ocasião em que esclarece que o luto é compreendido pela literatura psicológica como uma reação frente a perdas

significativas. Partindo desse pressuposto, é apresentada uma compreensão descritiva do luto, salientando que se trata de uma vivência que aparece com uma forte exigência de resignificação, pois o que é perdido pelo enlutado não é apenas um ente querido, mas também maneiras próprias de ser-no-mundo.

Desse modo, segundo a autora, a vivência da perda e a consideração da abertura ao horizonte da finitude que se apresentam no momento do luto são imprescindíveis para a articulação de novas formas de sentido do outro e de si mesmo na perspectiva existencial do enlutado. Assim, sob a ótica do ser-para-a-morte, pode o homem projetar-se como ser-no-mundo. Logo, enlutar-se não designa somente um período necessário a ser rapidamente superado e esquecido, mas uma crise de sentido que possibilita novos modos de relacionar-se com o que se perdeu da existência singular do outro.

Azevedo e Pereira (2013), também exploraram o contexto do luto pautando-se na análise fenomenológica sob a perspectiva de Heidegger. Estudaram através da pesquisa bibliográfica, o sofrimento daquele que é atingido pela morte de um ente querido, bem como o processo de elaboração do luto, sua experiência emocional e a reconfiguração existencial vivenciada com a perda. As autoras constataram que a clínica contemporânea acolhe uma demanda crescente do sofrimento decorrente da experiência de luto, no entanto, a evolução da cultura ocidental levou ao temor e à negação da morte. Nesse sentido, indicam que a visão de Heidegger pode contribuir para a resignificação do luto, já que apresenta a compreensão da finitude como uma possibilidade inerente à existência.

Sendo assim, o lidar com a finitude pode colocar o homem em uma posição de incerteza, fazendo surgir a angústia, que possibilita a abertura para a compreensão de sua própria existência, como ser-no-mundo e seu determinante essencial, a própria finitude. Dito isso, as pesquisadoras concluíram que a compreensão da noção heideggeriana de ser-para-a-morte, pode possibilitar ao homem contemporâneo, a percepção de que a morte constitui o existir, estando intimamente entrelaçada com o fenômeno da existência, por mais que o homem tenha atitudes de negação de sua facticidade, ou seja, de seu ser-lançado-ao-mundo de modo inegável.

Portanto, a elaboração do luto pode constituir um caminho para o alcance do equilíbrio para os que ficam, pois a angústia aponta para a necessidade de se continuar, mesmo sem o ente querido, buscando experimentar outras oportunidades e possibilidades que se apresentam diante da cada um, ou seja, o luto pode suscitar no homem um novo uso das oportunidades que tem de se lançar nas suas possibilidades como *ser-aí* que é.

Nesse contexto, Dantas (2011, p. 25) salienta que “todo aquele que se detém para refletir sobre sua existência, sobre suas possibilidades existenciais, descobre que a angústia é inevitável”. E mais que isso, esclarece que a angústia não está em lugar algum, ao contrário disso, a angústia se angustia diante do nada. Assim, nas palavras de Heidegger (2012, p. 523), “por isso, a angústia não ‘vê’ também um determinado ‘aqui’ e ‘ali’ a partir do qual o ameaçador se aproxima. Que o ameaçador não esteja em *parte alguma*, caracteriza o diante-de-quê da angústia”. Logo, “o nada que a angústia se angustia, como já foi dito, não está em lugar algum, e a experiência do nada faz com que o homem se sinta essencialmente um ser-para-a-morte (DANTAS, 2011, p. 29)

Com isso, de acordo com Dantas (2011), é mediante a angústia que o homem pode ser lançado e singularizado na estranheza de si, projetando-se para possibilidades, já que devido à sua condição fundamental de eterno vir-a-ser, pode valer-se da angústia para assumir o seu poder-ser mais próprio, pois sempre haverá sentidos a serem desvelados e possibilidades não realizadas. Portanto, “a angústia manifesta no *Dasein* o ser para o poder-ser mais próprio, isto é, o ser livre para a liberdade do-a-si-mesmo se-escolher e se-possuir” (HEIDEGGER, 2012, p. 526-527).

A angústia também é indicada como um aspecto central para o âmbito psicoterápico. Nesse contexto, de acordo com Braga e Farinha (2017) mediante a angústia, o ser pode deparar-se com a condição existencial de ausência de significações e determinações prévias, podendo, assim, perceber-se como absorvido no cotidiano, o que pode por sua vez, levá-lo a apropriar-se da realização de suas possibilidades de ser.

Sendo assim, é permitido ao ser captar sua trajetória existencial, percebendo que no momento do agora em sua existência, encontra-se entre um já sido e um projetar-se no porvir. Mediante essas colocações, as autoras asseguram que “Heidegger descreve a temporalidade como articulação entre o porvir e o já sido, que se atualiza na realização das possibilidades de ser do *Dasein* em seu projetar-se” (BRAGA; FARINHA, 2017, p. 68).

Além disso, outro aspecto de destaque é que ao apropriar-se de seu direcionamento existencial, o ser assume a possibilidade de tornar-se protagonista e coautor de sua história, acessando, dessa maneira, a dimensão da autenticidade. Nesse sentido, as autoras evidenciam que:

A autenticidade remete a um contato com a condição ontológica da existência enquanto indeterminação e abertura, desvelada na disposição afetiva da angústia: ao reconhecermos que as tramas significativas que orientam nosso habitar o mundo são construídas e não nos substancializam, retomamos nossa condição de ter o ser si mesmo como tarefa e questão, frente a possibilidades de ser abertas em nosso aí.

Ser-autêntico pressupõe um ser-aí aberto às possibilidades da existência. (BRAGA; FARINHA, 2017, p. 72).

Deste modo, Braga e Farinha (2017) concluem que o processo clínico permite a reformulação do próprio mundo e o acesso a novas possibilidades de ser, já que viabiliza a retomada de experiências e a interrogação por seu sentido, ampliando a liberdade sobre as significações sedimentadas pelo mundo.

Destarte, assevera-se que, segundo as autoras, o processo clínico na perspectiva fenomenológica, permite tornar explícita a trama significativa de uma trajetória existencial, possibilitando clarear, teorizar, questionar e reinventar o sentido que se apresenta na concreção fática da vida. Assim, partindo-se de um encontro que se dá no “aí” compartilhado entre terapeuta e cliente pode-se oportunizar a apropriação da condição existencial, reconduzindo ao protagonismo de sua trajetória diante das possibilidades de ser e relacionar-se com o mundo.

Em suma, o pensamento heideggeriano a respeito da morte reverbera na Psicologia enquanto contribuições para esse campo de conhecimento e também para a atuação do psicólogo, constituindo um dos modos de olhar da Psicologia para o fenômeno da morte. Considera-se, então, que a morte possui múltiplas facetas a serem estudadas, em virtude de que com fundamento em uma dimensão ontológica, possui diferentes desdobramentos que se associam a aspectos sociais, biológicos e culturais do homem.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista os aspectos abordados nesta reflexão, pode-se considerar que a morte se revela como um fenômeno complexo, uma vez que constitui a existência humana enquanto um fundamento ontológico. Deste modo, faz-se necessário debater acerca dessa temática, em virtude de que esta pode ser considerada e compreendida por diferentes perspectivas e apresenta múltiplas facetas que se relacionam a diferentes dimensões da existência humana.

Além disso, nota-se que o fenômeno da morte se desvelou de diferentes modos ao longo dos anos, pois de uma situação familiar e esperada, transformou-se no contexto atual, em algo temido e que se busca evitar diversas maneiras. Nesse sentido, considera-se que a análise existencial heideggeriana contribui para a compreensão de que a morte é parte fundamental da existência humana, retirando todas as concepções relativas a controlar as possibilidades de existir, visto que no devir que precede a morte, o homem é confrontado com infinitas possibilidades.

No que tange à Psicologia, entende-se que a morte pode despertar reflexões em relação ao sentido do existir, em virtude de que mediante a constatação de sua própria finitude pode o ser humano valer-se de sua abertura, questionando seu modo de ser. Ressalta-se que a compreensão em torno das questões que permeiam a morte, possibilita que a Psicologia esteja atenta à importância que este fenômeno apresenta. A sensibilização a esta temática pressupõe que o campo de conhecimento e atuação da Psicologia esteja preparado para lidar com as dimensões que compõem o falar da morte e suas implicações.

Por fim, evidencia-se também a importância de novos estudos que busquem melhor compreender as maneiras como diferentes grupos de profissionais e pessoas vivem e compreendem a morte, sendo esse um assunto onde a psicologia pode trazer contribuições tanto em termos teóricos como em termos de atuação. Em específico, considera-se que estudos balizados pela análise existencial de Heidegger podem ser profícuos nesse sentido.

REFERÊNCIAS

- AQUINO, T. A. A. de, et al. Visões de morte, ansiedade e sentido da vida: um estudo correlacional. *Psicologia Argumento*, Curitiba, v. 28, n. 63, p. 289-302, 2010. Disponível em: 10.7213/rpa.v28i63.20069. Acesso em: 11 abr. 2021.
- ARIÈS, P. História da morte no ocidente. 2. ed. Portugal: Editora Teorema, 1975.
- AZEVEDO, A. K. S.; PEREIRA, S. M. A. O luto na clínica psicológica: um olhar fenomenológico. *Clínica & Cultura*, Aracaju, v. 2, n. 2, p. 54-67, 2013. Disponível em: O luto na clínica psicológica: um olhar fenomenológico | Clínica & Cultura (ufs.br). Acesso em: 11 abr. 2021.
- BRAGA, T. B. M.; FARINHA, M. G. Heidegger: em busca de sentido para a existência humana. *Revista da Abordagem Gestáltica*, Goiânia, v. 23, n.1, p. 65-73, 2017. Disponível em: v23n1a08.pdf (bvsalud.org). Acesso em: 20 fev. 2018.
- COMBINATO, D. S.; QUEIROZ, M. de S. Morte: uma visão psicossocial. *Estudos de Psicologia*, Natal, v. 11, n. 2, p. 209-216, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2006000200010>. Acesso em: 15 ago. 2019.
- COSTA, P. E. da. Inautenticidade e finitude em Heidegger. *Saberes*, Natal, v. 3, n. esp. p. 151-159, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/saberes/article/view/884/819>. Acesso em: 09 abr. 2018.
- DANTAS, J. B. Angústia e existência na contemporaneidade. Rio de Janeiro: Editora Rubio, 2011.
- DREYFUS, H. & WRATHAL, M. Fenomenologia e existencialismo. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

DUARTE, R.; NAVES, G. O ser-para-a-morte em Heidegger. *Revista Católica* [online], v. 2, n. 4, p. 64-82, 2010. Disponível em: <http://www.catolicaonline.com.br/revistadacatolica2/artigosn4v2/06-filosofia.pdf>. Acesso em: 07 maio. 2018.

FREITAS, J. L. Luto e fenomenologia: uma proposta compreensiva. *Revista da Abordagem Gestáltica*, Goiânia, v. 19, n. 1, p. 97-105, 2013. Disponível em: [Volume 191.indd \(bvsa-lud.org\)](#). Acesso em: 11 abr. 2021.

GIACOIA JÚNIOR, O. A visão da morte ao longo do tempo. *Medicina*, Ribeirão Preto, v. 38, n. 1, p. 13-19, 2005. Disponível em: [10.11606/issn.2176-7262.v38i1p13-19](https://doi.org/10.11606/issn.2176-7262.v38i1p13-19). Acesso em: 19 jun. 2018.

GOMES, D. M.; SOUSA, A. M. A morte sob o olhar fenomenológico: uma revisão integrativa. *Revista do NUFEN*, Belém, v. 9, n. 3, p. 164-176, 2017. Disponível em: [Microsoft Word - ER_01.docx \(bvsa-lud.org\)](#). Acesso em 14 ago. 2019.

GORNER, P. *Ser e tempo: uma chave de leitura*. Petrópolis: Vozes, 2017.

HEIDEGGER, M. *Ser e tempo*. Tradução Fausto Castilho. Petrópolis: Vozes, Campinas: Editora Unicamp, 1927-2012.

KOVÁCS, M. J. Educação para a morte. *Psicologia Ciência e Profissão*, Brasília, v. 25, n. 3, p. 484-497, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-98932005000300012>. Acesso em: 03 jun. 2018.

KOVÁCS, M. J. Desenvolvimento da tanatologia: estudos sobre a morte e o morrer. *Paideia*, Ribeirão Preto, v. 18, n. 41, p.457-468, 2008a. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2008000300004>. Acesso em 17 ago. 2019.

KOVÁCS, M. J. Educação para a morte: desafio na formação de profissionais de saúde e educação. In: KOVÁCS, M. J. (coord.). *Morte e existência humana: caminhos de cuidados e possibilidades de intervenção*. 5. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008b. p. 196-217.

KÜBLER-ROSS, E. *Morte: estágio final da evolução*. Rio de Janeiro: Record, 1975.

MACHADO, J. A. T. Os indícios formais e o problema da morte. *Natureza humana*, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 21-35, 2012. Disponível em: pepsic.bvsalud.org/pdf/nh/v14n1/a02.pdf. Acesso em: 11 abr. 2021.

REYNOLDS, J. *Existencialismo*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

SANTOS, E. M. dos; SALES, C. A. Familiares enlutados: compreensão fenomenológica existencial de suas vivências. *Texto Contexto Enfermagem*, Florianópolis, v. 20, n. esp., p. 214-222, 2011. Disponível em: [v20nspea27.pdf \(scielo.br\)](#). Acesso em 15. maio. 2018.

SPANOUDIS, S. Apresentação. A todos que procuram o próprio caminho. In: HEIDEGGER, M. *Todos nós... ninguém: um enfoque fenomenológico do social*. São Paulo: Moraes, 1981. p. 09-22.

SOUZA, L. G. A. de; BOEMER, M. R. O cuidar em situação de morte: algumas reflexões. *Medicina, Ribeirão Preto*, v. 38, n. 1, p. 49-54, 2005. Disponível em: http://revista.fmrp.usp.br/2005/vol38n1/7_o_cuidar_situacao_morte.pdf. Acesso em: 25 maio. 2018.

TORRES, W. C. O tabu frente ao problema da morte. *Arquivo Brasileiro de Psicologia, Rio de Janeiro*, v. 31, n. 1, p. 53-62, 1979. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/abp/article/view/18015/1676>. Acesso em: 27. jun. 2018.

TORRES, W. C. A bioética e a psicologia da saúde: reflexões sobre questões de vida e morte. *Psicologia: Reflexão e Crítica, Porto Alegre*, v. 16, n. 3, p. 475-482, 2003. Disponível em: v16n3a06.pdf (scielo.br). Acesso em: 02 ago. 2018.

VERDADE, M. M. Ecologia Mental da Morte: um novo olhar, uma nova escuta para a psicologia da morte. In: KOVÁCS M. J. (coord.). *Morte e existência humana: caminhos de cuidados e possibilidades de intervenção*. 5. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008. p. 162-191